



## **PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL: EXPERIÊNCIAS COM O MODELO “AULA- OFICINA” EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO PARANÁ**

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3958

Fernanda Dayara Salamon, UEL

### **Resumo**

Este texto apresenta uma pesquisa realizada em 2016 como parte das atividades do PIBID, subprojeto História/UEL, que teve como tema os estudos sobre Patrimônio. Nesse sentido, buscamos investigar quais ideias os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, de um colégio público da cidade de Londrina, tinham sobre Patrimônio material e imaterial. Como fundamentação teórica utilizamos o modelo de aula-oficina de Isabel Barca (2004), assim como o conceito de empatia Histórica desenvolvido por Peter Lee (2001). Para esses autores, os alunos se apropriam de conteúdos históricos quando esse tem conexão com as suas referências, a partir disso, constroem suas próprias narrativas que podem ser analisadas a partir de um viés historiográfico. Esse tem se mostrado um caminho bastante frutífero, tendo em vista que traz uma gama de possibilidades sobre os mais diferentes âmbitos que permeiam o homem e a sociedade, portanto, precisa ser explorado no Ensino de História. Finalmente, buscamos em nossas atividades incentivar o sentimento de pertencimento e valorização do cotidiano dos próprios alunos, buscando com isso a conexão entre a História e a vivência deles no colégio. A partir disso, acreditamos que possa emergir uma identificação com o meio e com o conhecimento histórico.

### **Palavras Chave:**

Patrimônio; Definições;  
Pertencimento;  
Identidade; Perspectiva  
local.

## Introdução

Este texto apresenta uma pesquisa realizada em 2016 como parte das atividades do PIBID, subprojeto História/UEL, que teve como tema os estudos sobre Patrimônio. Nesse sentido, buscamos investigar quais ideias os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Doutor Gabriel Carneiro Martins localizado na cidade de Londrina, tinham sobre Patrimônio material e imaterial, bem como, analisar como as atividades desenvolvidas, a partir do escopo da Educação Histórica que pode contribuir para a apropriação dos alunos desta temática. Barca (2004) entende que ser instrumentalizado em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado. (BARCA, 2004, p. 133)

Com isso, buscamos em nossas atividades oportunizar aos alunos da Educação Básica atividades onde os mesmos pudessem definir com maior clareza os conceitos de Patrimônio em suas diferentes tipologias: material ou imaterial, público ou privado. Para isso, procuramos estabelecer relações com elementos próximos ao cotidiano deles, para que pudessem compreender como o patrimônio e a História estão no dia-a-dia, utilizando-se dos nomes das ruas como exemplo de patrimônio histórico da cidade ou do bairro.

## Objetivos e escolhas metodológicas

Este projeto foi realizado em dupla com outro bolsista<sup>1</sup> do PIBID e sua implementação foi pensada a partir de quatro encontros. Nosso objetivo era incentivar o sentimento de pertencimento

e valorização do cotidiano dos próprios alunos, buscando com isso a conexão entre a História e a vivência deles no colégio. Assim como, investigar como os mesmos entendiam o conceito de Patrimônio Histórico.

Para realizarmos isso seguimos os passos apresentados por Barca (2004) no modelo da Aula-Oficina, quando esta entende o aluno como agente da construção do seu conhecimento. Por isso, Barca (2004) aponta que o conhecimento das ideias prévias dos alunos é um passo importante e que determina os encaminhamentos que o professor pode seguir. Ao fazer isso o professor torna-se um investigador social que busca em suas ações entender como o aluno aprende e que meios ele pode utilizar que torne isso mais eficiente.

Barca (2004) destaca também que a escolha das fontes, que devem ser variadas oportuniza ao aluno da Educação Básica construir suas ideias sobre os conteúdos históricos, tornando-o com isso o protagonista da sua aprendizagem e não um mero reproduzidor de ideias presentes nos manuais didáticos.

## Resultados

No primeiro encontro, investigamos os conhecimentos prévios dos alunos através de um questionário escrito e intervenção oral. Nos questionários nós levantamos dados interessantes, como por exemplo, meios de transportes que utilizavam para vir até a escola, a idade, como também a cidade onde nasceram que possibilitaram organizar nossas ações. Assim como, observamos que a leitura e interpretação de certos termos e expressões se constituem num desafio para o ensino de História.

Quando foi perguntado sobre o que sabiam da história da cidade de Londrina, observamos que uma parcela

---

<sup>1</sup> Izaque Anversi Coqui que formou-se no início de 2017 e por isso não participou da escrita desse texto.

significativa (50%) dos alunos não tinha informações sobre a História da cidade, o que fez questionar se esse é um problema da formação, ou falta dela, ofertada nas séries iniciais. Vale ressaltar que no município de Londrina esse período da Educação Básica está a cargo do governo municipal. Outra questão se coloca também, como superar essa lacuna quando os mesmos chegam aos anos finais do Ensino Fundamental.

Os outros 50% dos alunos caracterizou a cidade de Londrina como a “capital do café”, fato interessante uma vez que esse título foi dado à cidade na década de 1970 e o perdeu na década seguinte. Mas os mesmos estabeleceram relações com a história da família na cidade, o que nos auxiliou na construção do sentimento de pertencimento ao seu contexto social, bairro ou cidade. As perguntas do questionário que foram especificamente voltadas ao projeto de patrimônio foram as três últimas, a primeira se referindo aos lugares de memória de Londrina, na qual deveriam marcar se conheciam ou já visitaram. Quando nos referimos à lugares de memória, utilizamos aqui o conceito de Pierre Nora (1993), ao qual explica:

Os lugares de memória são, antes

de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; [...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12)

Entre as possibilidades de lugares no questionário, tínhamos o Cineteatro Ouro Verde<sup>2</sup>, a Biblioteca Municipal<sup>3</sup>, o Calçadão<sup>4</sup>, o Lago Igapó<sup>5</sup>, o Shopping Catuaí<sup>6</sup>, o Shopping Boulevard<sup>7</sup>,

---

2 O Cine Teatro Ouro Verde é uma instituição cultural com auditórios para sala de cinema, dança, espetáculos musicais e teatro localizado na região central da cidade de Londrina, no interior do estado brasileiro do Paraná. É mantido pelo governo do estado, e administrado pela Universidade Estadual de Londrina. Seu prédio é tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual

3 Criada em 23 de novembro de 1940, pelo Decreto nº 78, a Biblioteca Pública Municipal de Londrina (BPML) foi somente inaugurada em 04 de setembro de 1951. Recebeu o nome de Biblioteca Pública "Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza", pelo Decreto nº 114 de 1974. Atualmente ocupa o prédio do Antigo Fórum de Londrina.

4 Calçadão foi implantado em 1977 e originou-se da reurbanização das Praças Willie Davids, Marechal Floriano e Gabriel Martins, como projeto do arquiteto Jaime Lerner. Foram interditados alguns trechos para o tráfego de veículos e destinou-se esses locais ao lazer do povo londrinense e de turistas. Ocupa a Avenida

Paraná, entre as ruas Minas Gerais e Hugo Cabral. Recentemente o Calçadão foi revitalizado, resultando em uma área mais livre e espaçosa para andar. Não possui mais bancas de revistas, nem choperias, quiosques e nem floriculturas.

5 É um lago criado em Londrina, no estado brasileiro do Paraná, em 10 de dezembro de 1959, dia do Jubileu de Prata da cidade, através do represamento do Ribeirão Cambezinho, na gestão de Antônio Sobrinho, como uma solução para o problema da drenagem, dificultada por uma barragem natural de pedra. Inicialmente pensou-se em dinamitar a barragem, mas prevaleceu a ideia de formar um lago.

6 No idioma Tupi-Guarani, Catuaí significa ótimo, muito bom e o termo também foi escolhido para nomear uma variedade de café predominante no pioneiro norte do Paraná. O Catuaí Shopping Center foi inaugurado em novembro de 1990

7 A temática do Boulevard Londrina Shopping homenageia a origem do nome da cidade de

o Bosque<sup>8</sup>, o SESC Cadeião Cultural<sup>9</sup>, entre outros espaços. Eles deveriam assinalar um “X” na opção que compreendiam como lugar de memória e circularem os que conheciam. Nesta questão os lugares que eles mais marcaram como lugares de memória, foi o cinema Ouro Verde, o Museu Histórico de Londrina, a Rodoviária e a Catedral. Fazendo uma breve análise percebemos que os alunos deram prioridade a esses lugares por que o consideravam espaço de memória os lugares institucionalizados, com isso pudemos inferir que os mesmos não consideravam a maioria dos espaços cotidianos deles como Patrimônios.

A próxima questão pedia que falassem a frequência nesses espaços, sendo que o que mais foi assinalado foram os shoppings, o colégio que estudam ou o lago Igapó, ou seja, tais locais não considerados como espaços de memória. Finalmente, pedimos que escrevessem quatro palavras que representassem o que eles entendiam como patrimônio histórico como resposta obtivemos as expressões “não sei” ou a lacuna em branco. Uma pequena parcela estabeleceu conexões com as perguntas anteriores, fazendo uma conexão ou escreveram que Patrimônio era uma “construção do governo”.

Com todos esses dados percebemos que teríamos um longo trabalho pela frente ao buscar fazer compreender que todo espaço pode ser um espaço de memória ou que grande parte das coisas são consideradas Patrimônio material ou imaterial e foi de acordo com essa demanda que propusemos nosso projeto para essa turma. Reportando-se à aula, mostramos dezenove imagens impressas a eles perguntando se achavam que eram patrimônio ou não, entre essas imagens estavam celulares, a Estátua da Liberdade,

pessoas dançando, foto de praças, do lago Igapó, de geladeiras e eletrodomésticos. Suas respostas apontaram inicialmente que eles consideravam o Cristo Redentor ou a Estátua da Liberdade como patrimônio, excluindo o celular como algo que pudesse ser classificado como um patrimônio material e privado. Tais imagens foram escolhidas apontando principalmente para o que era estranho a eles como a cultura imaterial e coisas próximas ao cotidiano deles como lugares de memória da cidade de Londrina. Para introduzirmos o conceito de Patrimônio nos baseamos em Poulot (2009),

O patrimônio define-se, ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético – e, na maioria das vezes, documental, além de ilustrativo, inclusive de reconhecimento sentimental – que lhes atribui o saber comum, enfim, por um estatuto específico, legal ou administrativo. Ele depende da reflexão erudita e de uma vontade política, ambos os aspectos sancionados pela opinião pública; essa dupla relação é que lhe serve de suporte para uma representação da civilização, no cerne da interação complexa das sensibilidades relativamente ao passado, de suas diversas apropriações e da construção das identidades. Para se impor, de acordo com a espécie de evidência que é a sua atualmente, a noção deve de passar por um processo complexo, de longa duração e profundamente cultural; ela é o resultado de uma dialética da conservação e da destruição no âmbito da sucessão das formas ou dos estilos de heranças históricas que haviam sido adotados pelas sociedades ocidentais [...] (POULOT, 2009, p. 13-14)

---

Londrina – “Pequena Londres”. O projeto arquitetônico foi inspirado em ícones londrinos como o London Eye e o Big Ben.

8 Localiza-se na região central da cidade, ocupando duas quadras com algumas espécies remanescentes da cobertura vegetal primitiva. Foi

doado pela Companhia De Terras Melhoramentos Norte Do Paraná

9 A antiga cadeia da cidade de Londrina, prédio construído na década de 1940 foi reformado e hoje é uma unidade do SESC.

Na sequência, apresentamos um vídeo para eles chamado “Aventuras de Pedro”<sup>10</sup>, este é parte integrante de uma série do projeto PRESERVE SUA HISTÓRIA, que tem como objetivo educar crianças sobre a necessidade de preservar o patrimônio histórico que foi criado em 2016 no YouTube. Explica o que é patrimônio com uma linguagem acessível. A história conta que o Pedro que estava indo com sua mãe ao mercado quando ele viu uma casa que dizia “Patrimônio público” e então ele perguntou: “Mãe, o que é patrimônio?” E sua mãe disse: “é tudo aquilo que pertence a alguém” e deu um exemplo sobre as maçãs que iam comprar no mercado, que depois que a pagassem se tornaria patrimônio privado deles. Anotamos no quadro as definições de patrimônio material e imaterial numa linguagem acessível, nos baseando na discussão de patrimônio feita por Dominique Poulot (2009), que discorre acerca da diversidade patrimonial:

Por conseguinte, não cansamos de evocar “patrimônios” a serem conservados e transmitidos, relacionados com universos absolutamente heterogêneos: a apreciação estética do cotidiano, mesmo que apenas de outrora: a indispensável manutenção do legado arquitetural; a preservação de habilidades artesanais [...] a proteção de costumes locais, no mesmo plano de certos gêneros de vida ameaçados de extinção... Fala-se de um patrimônio não só histórico, artístico ou arqueológico, mas ainda etnológico, biológico ou natural; não só material, mas imaterial; não só local, regional ou nacional, mas mundial. [...] (POULOT, 2009, p. 10)

Trabalhamos as principais instituições responsáveis pelo patrimônio

público da humanidade, a UNESCO<sup>11</sup>, em escala mundial e o IPHAN<sup>12</sup>, em escala nacional. Após isso, foi pedido que escrevessem o que compreenderam sobre patrimônio e desenhassem um exemplo de patrimônio que estivesse presente no dia-a-dia de cada um.

No produto que recebemos dos alunos, observamos que cada um colocou o que fez mais sentido a partir de suas próprias referências, como por exemplo, colocar o jogo de futebol, que não havia nem mesmo sido citado em sala de aula, para explicar o Patrimônio Imaterial. Percebemos que a compreensão geral da turma se deu dizendo que patrimônio é tudo aquilo que pertence a alguém ou a algum povo. Alguns especificaram que cada um pode ser público ou privado, ou material e imaterial.

Quando solicitamos que apresentassem exemplos de patrimônio no seu dia-a-dia, os mesmos se reportaram a coisas próximas ou rotineiras ao seu cotidiano, cabendo aqui a discussão de empatia histórica de Peter Lee (2006) acerca da aprendizagem histórica:

Há mais na história do que somente acúmulo de informações sobre o passado. O conhecimento escolar do passado e as atividades estimulantes em sala de aula são inúteis se estiverem voltadas somente à execução de ideias de nível muito elementar, como que tipo de conhecimento é a história, e estão simplesmente condenadas a falhar se não tomarem como referência os pré-conceitos que os alunos trazem em suas aulas de história. (LEE, 2006, p. 136)

No segundo encontro, a partir das demandas do questionário prévio, trouxemos um estudo de nomes de ruas. Pedimos, anteriormente, que os alunos

10 Link do vídeo:  
[https://youtu.be/OyVk\\_Jwe1R4](https://youtu.be/OyVk_Jwe1R4)

11 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

12 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

buscassem saber sobre a história da rua onde eles moram. A partir do que ia sendo levantado, introduzíamos os conceitos e a análise de fontes. Trabalhou-se com um trecho do jornal “Folha de Londrina” de 14 de maio de 2014<sup>13</sup>, que trazia informações acerca da mudança de nome de uma rua, as reivindicações pela troca do nome Castelo Branco por Carlos Marighella. O objetivo com essa atividade, era que identificassem tais figuras e o que representavam historicamente e compreendessem por que foi exigida essa troca. Percebemos que a falta de conhecimento sobre a Ditadura Militar dificultou a análise que gostaríamos que eles fizessem.

O terceiro encontro seria um trabalho de campo no qual os alunos seriam divididos em equipes e realizariam a entrevista como moradores no entorno da escola. O objetivo desse trabalho era fazer o aluno ter contato maior com o que estava sendo explanado, tendo maior compreensão quando tivessem contato com o que há de historicidade ao seu redor, nos voltando assim, para o que Peter Lee (2001) propõe como empatia histórica, já que há maior significação a partir do momento que a construção do conhecimento se dá a partir de conexões com seu próprio referencial.

Inicialmente, seriam divididos em três equipes de trabalho, cada uma tendo um questionário geral e um específico para preencher, tendo orientações e acompanhamento dos estagiários, deveriam pesquisar uma rua específica e nela escolher uma instituição pública ou privada, identificadas todas como Patrimônio. No questionário geral fariam uma análise da rua com número de casa, de comércios, número de instituições públicas, privadas, número de casas de madeira, de material/cimento, condições de limpeza e arborização. O outro questionário específico identificariam a instituição, categorizariam como

patrimônio material ou imaterial e como público ou privado, o tempo de existência, as características do espaço, condições físicas, se atentariam à história específica de tal espaço, quem frequenta ou que tipo de público atende e, por fim, qual o impacto do colégio naquela localidade.

No quarto encontro pretendíamos fazer a apresentação dos resultados das atividades desenvolvidas, com as respostas dos questionários, onde cada grupo deveria explicar o resultado da entrevista e suas percepções. Esse momento deveria contar com o debate dos bolsistas orientando as dúvidas dos alunos e retomando conceitos inicialmente trabalhados sobre Patrimônio. No entanto, o contexto bastante atípico nos quais se encontravam as escolas do Paraná, com greves dos professores e ocupações das escolas por estudantes secundaristas, não nos permitiram finalizar o projeto proposto. E então, nos restringimos às duas primeiras aulas que compunham o projeto.

### Considerações finais

Sobre o que realizamos, observamos que ficou evidente nas respostas dos alunos a empatia histórica, conceito desenvolvido por Lee (2001) onde compreende-se que os alunos se apropriam de conteúdos históricos a partir da conexão que esses fazem com suas próprias referências. Essa discussão está conectada também com Jörn Rüsen, teórico bastante trabalhado nos estudos da Educação Histórica e citado por Lee em seus vários estudos acerca do tema. Quando ocorre tal conexão, os alunos são capazes de construir suas próprias narrativas, percebendo, por exemplo, que a panela que faz a comida na casa dele é um patrimônio, no caso, material e privado. Quando se pensa mais especificamente no patrimônio público e quando se trabalham os órgãos

13

<http://www.folhadelondrina.com.br/politica/manifestantes-trocam-nome-de-avenida-879852.html>

responsáveis pelo cuidado dos mesmos, como a UNESCO, criamos uma conscientização acerca do bem público.

Junto a isso, o conceito de Peter Lee (2001) de empatia histórica, traz consigo a ideia do sentimento de pertencimento e valorização do cotidiano dos alunos, por isso a ideia de utilizarmos em nossas atividades os nomes de ruas. Geralmente, estas traziam nomes de figuras históricas. No entanto, quando questionados se conheciam esses sujeitos que nomeavam as ruas pelas quais eles circulavam todos os dias, alguns sabiam, mas a maioria não. A partir da nossa aula, os mesmos tiveram oportunidade de perceber que História está presente no dia-a-dia e não apenas nos manuais didáticos e que o Patrimônio pode ser encontrado nos supermercados, nas igrejas ou até mesmo em uma receita culinária.

Buscamos montar atividades que oportunizassem aos alunos ressignificarem o seu foi passado e aquilo que é ensinado a eles não só nas aulas de História, mas em outras áreas de conhecimentos. Assim pontuamos através dos resultados obtidos nos produtos solicitados aos alunos, como o que entenderam de Patrimônio junto com um desenho dando um exemplo do seu cotidiano, mais a atividade com a matéria da Folha de Londrina, que ela cumpriu o seu papel de incentivar nos mesmos o gosto pelos estudos históricos.

Porém, alguns pontos foram falhos e revelam que ainda nos apegamos muito aos modelos tradicionais de ensino de História como nos momentos que tentamos utilizar a lousa, e percebemos ser um tempo onde os alunos apenas reproduzem o que ali está e não oportunizam aos mesmos uma reflexão e construção do próprio conhecimento. Portanto, assim como nossos autores propõem, é importante investirmos mais tempo na produção de materiais ou execução de atividades.

Observamos também, que não eram interessantes os momentos que ficávamos falando por longos monólogos, como nos modelos de aula palestra apresentada por Barca como modelo a ser superado. O que demonstra que o uso de conversas e trocas com os alunos tornam a construção do conhecimento mais dinâmica e eficaz, na medida em que eles também podiam falar, sendo agentes de seu saber, que é o que propõe o modelo “Aula-oficina” de Isabel Barca. Finalmente, apesar de não concluirmos o projeto em sua totalidade, visto a impossibilidade por conta do calendário, pudemos percebermos que os alunos tiveram um melhor entendimento acerca do que pode ser Patrimônio e suas especificidades, fato evidenciado nas narrativas produzidas pelos mesmos, o que demonstra que o modelo de Aula-oficina alcança os objetivos a que se propõe no ensino de História.

## Referências

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

LEE, Peter. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. Educar, Curitiba, Especial. Curitiba: Editora UFPR. 2006, p. 131-150.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org). Jornadas Internacionais de Educação Histórica, I. 2000. Portugal **Atas**: Perspectivas em Educação Histórica. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Pp. 9-37.